- **ESTUDOS DA COMUNIDADE SURDA**
  Dia 29 - Local: CL 19 - 14:00-18:00
  Coordenador(a): *Evani Viotti*

CLASSIFICADORES E ESTRUTURA ARGUMENTAL NA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA

Brenda Veloso (UNICAMP)

A investigação dos classificadores na Língua de Sinais Brasileira e da sua estrutura argumental objetiva testar a hipótese de que os morfemas classificadores é que são responsáveis por desencadear alternâncias argumentais dos verbos (inergativo-inacusativa e transitivo-inacusativa). A análise realizada baseou-se em testes com a finalidade de averiguar quais classificadores estariam relacionados a argumentos internos e quais se combinariam com argumentos externos agentivos. Os resultados encontrados foram os seguintes: (a) os classificadores que representam um ser ou um objeto aparecem ligados a predicados que contêm argumentos internos (inacusativos); (b) os classificadores do tipo handling se referem ao argumento interno das construções classificadoras de que fazem parte. Esses resultados atestam a hipótese inicial do trabalho no que diz respeito à alternância transitivo-inacusativa, pois inexistem classificadores que possam constituir predicados inergativos nessa língua, o que resulta no não desencadeamento da alternância inergativo-inacusativa.

DESCRIÇÃO DA ESTRUTURA INTERNA DOS SINAIS DA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA (LSB)

André Nogueira Xavier (USP)

Estudos da Comunidade Surda: descrição da estrutura interna dos sinais da língua de sinais brasileira (LSB)

O presente trabalho, assumindo o modelo fonético-fonológico proposto por Liddell & Johnson (1989) para os sinais da língua de sinais americana (ASL), tem por objetivo apresentar uma descrição inicial dos sinais da LSB em termos de segmentos (movimentos e suspensões). Essa descrição tem por base um corpus formado a partir dos sinais listados no dicionário de Capovilla & Raphael (2003).

Na primeira parte de exposição, apresentarei o corpus que estou construindo, e os critérios adotados para o agrupamento dos sinais selecionados em classes diferentes. Na segunda parte, apresentarei a descrição fonética da alguns sinais da LSB seguindo o modelo de Liddell & Johnson.

DOIS TIPOS DE NEGAÇÃO NÃO-MANUAL NA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA

Mara Jéssica Arrotéia (UNICAMP)

Na língua de sinais brasileira (LSB), a negação realiza-se tanto no componente manual, quanto no componente não-manual. Fazem parte do componente não-manual marcadores negativos (NÃO), DPs negativos (representados por NINGUEM), e um determinante negativo (transcrito como NEG). Esses elementos, quando co-ocorrem dentro de um mesmo domínio, resultam em interpretação de negação. A LSB, então, apresenta o fenômeno da concordância negativa entre itens manuais. No componente não-manual, a negação é realizada pelo movimento da cabeça em conjunto com modificações da expressão facial, como franzimento das sobrancelhas, e alteração do contorno da boca. Este artigo vem mostrar que a marcação não-manual de negação deve ser dividida em duas partes com funções distintas. Este artigo evidencia que o headshake é um marcador prosódico de negação, enquanto a expressão facial é um marcador sintático, capaz de licenciar constituintes negativos pós-verbais como o NÃO. Além disso, este artigo pretende evidenciar que a concordância negativa pode ser realizada entre os componentes manual e não-manual nas línguas de sinais.

ESTUDOS DA COMUNIDADE SURDA: OBSERVAÇÕES SOBRE O ESTADO-DA-ARTE DA PESQUISA LINGÜÍSTICA SOBRE A LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA (LSB)

Evani Viotti (USP)

O objetivo deste trabalho é o de fazer algumas observações a respeito das pesquisas lingüísticas que têm sido realizadas no Brasil sobre a LSB, visando a alertar a comunidade de pesquisadores surdos e ouvintes sobre alguns riscos que se corre quando as hipóteses que se colocam não estão baseadas em descrições minuciosas da língua, em todos os níveis de análise. No caso da LSB, de maneira geral, essas descrições ainda estão por ser feitas. Para que isso aconteça, é importante a criação de corpora contendo gravações de surdos usando a LSB entre si, nos mais variados tipos de discurso. Além disso, é necessário o desenvolvimento de um sistema de

transcrição das conversas e narrativas, que capture a grande quantidade de detalhes lingüísticamente relevantes que se realiza simultaneamente aos sinais manuais, como a posição do torso, a posição da cabeça, as expressões faciais, a direção do olhar, o movimento dos lábios, etc. Alguns exemplos vão ser dados como ilustração de propostas que parecem problemáticas, justamente porque não estão baseadas em descrições sólidas da gramática da LSB. Entre eles, colocam-se o tratamento que tem sido dado aos fenômenos que têm sido chamados de "incorporação da negação" e "classificadores".

ESTUDOS DA COMUNIDADE SURDA: A DESCRIÇÃO DOS VERBOS INDICADORES DA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA

Renata Lúcia Moreira (USP)

As língua de sinais, entre elas a Língua de Sinais Brasileira (LSB ou LIBRAS), têm um conjunto de verbos, chamados verbos direcionais ou verbos indicadores, que têm a propriedade de apontar, no espaço de sinalização, para os referentes de seus argumentos externo e interno.

De maneira geral, os estudiosos de línguas de sinais têm sugerido que a propriedade de apontar que esses verbos apresentam corresponde à concordância entre verbo e seus argumentos que várias línguas orais apresentam. Diferentemente, neste trabalho, procuro mostrar que esses verbos são verbos que se caracterizam por terem uma estrutura semântica diferenciada, que inclui uma capacidade para a realização de dêixis e para a alteração de diátese, que se reflete na mudança da orientação dos papéis temáticos do sujeito e do complemento do verbo.

ESTUDOS DA COMUNIDADE SURDA: SURDOS E SUAS NARRATIVAS FOTOGRÁFICAS, EM VÍDEO

Andrea Iguma (USP)

A idéia inicial da pesquisa era a de realizar um vídeo de história de surdos de São Paulo, contada por eles mesmos, em Língua de Sinais Brasileira, aplicando a metodologia da História Oral. Com o desenvolvimento da pesquisa, fui-me deparando com várias dificuldades, que já tinha conhecimento em teoria, mas não em prática. É fato que os surdos querem contar e registrar suas histórias, através de um meio que também lhes é apropriado, o vídeo, assim como a fotografia. Mas, por não terem um conhecimento específico da linguagem deste meio, o vídeo, coloquei-me e colocaram-me como sua interlocutora, por já conhecerem meu trabalho junto com a comunidade surda e pela minha formação em Radialismo. Minha solução para o vídeo foi realizá-lo a partir das fotografias antigas, que são muitas, e gravações atuais. Certamente, a percepção de mundo é diferente, para ouvintes, audiovisual, para surdos, visual, o que implica em experiências de vida bem diversas. A comunicação - "falar", "ouvir" e compreender, reciprocamente - foi um fator essencial para todo o meu trabalho com a comunidade surda, que me parece ter sido falha neste projeto, ao lidar com surdos mais velhos, com os quais tive uma relação mais restrita. Uma das dificuldades deste projeto é que não o concebemos e/ou expressamos da mesma forma. Mas por quê? O que me impede, como pesquisadora ouvinte, de compreender e compartilhar os mesmos valores dos surdos com quem trabalho - e vice-versa? É um desafio uma pessoa "de fora" realizar um projeto de comunicação com uma comunidade, exatamente na qual a comunicação com os "de fora" é uma barreira.

ESTUDOS DA COMUNIDADE SURDA: VISÕES DE LÍNGUA E ORGANIZAÇÃO DE CURSOS NO ENSINO DA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA COMO SEGUNDA LÍNGUA

Tarcísio de Arantes Leite (USP), Leland Emerson Mccleary

Experiências dos autores como aprendizes de língua de sinais brasileira (LSB ou LIBRAS) há cerca de 4 anos atrás revelaram que a visão "dicionarista" de língua, como mero acúmulo de palavras, tem se mostrado predominante na prática dos professores surdos, tendo em vista o procedimento básico de apresentação de itens lexicais em suas aulas. Na época, um estudo de Iniciação Científica de um dos autores analisou essa visão a partir da perspectiva do pesquisador enquanto aluno, em um estudo autobiográfico em diário focado no processo de aprendizagem da LSB como segunda língua. Passados alguns anos, a mesma questão foi abordada, agora, sob uma outra perspectiva: a do próprio professor surdo. A idéia foi a de realizar entrevistas com os professores surdos onde eles pudessem expressar livremente suas visões de vida e de ensino, e que esses depoimentos pudessem servir de base para analisar as visões que jazem por trás de, e que tem efeito sobre, a prática de ensino desses professores. A apresentação neste seminário irá tratar das diferentes visões de língua que emergiram nas entrevistas com os professores surdos, destacando as diferenças em relação ao estudo em diário realizado anteriormente, bem como as implicações das visões levantadas sobre a organização de cursos no ensino da LSB como segunda língua.